

O Combate à Malária nas Páginas da Revista Unesp Ciência: Sincretismo, Identidade e Estilo¹

Bruno Sampaio GARRIDO²

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, SP

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a significação de reportagem publicada na revista *Unesp Ciência* (UC), cujo tema é o combate à malária, e a maneira como o enunciador constrói o simulacro de si mesmo e de seus leitores, com vistas a um estilo próprio. O *corpus* abrange capa e reportagem da edição 20 de UC (junho/2011). A fundamentação teórica adotada é a semiótica discursiva proposta por Greimas e colaboradores. Por meio da análise das linguagens sincréticas e das marcas enunciativas do sujeito da enunciação, verificamos que as narrativas visuais e a identidade do enunciador ajudam a criar um estilo que valoriza a empatia com o enunciatário e a experiência sensível com o enunciado, criando-se efeitos de presentificação e de imersão. A ênfase em terminologias especializadas e na metodologia da pesquisa exige do enunciatário um repertório mínimo para que o texto seja compreendido.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; ciência; sincretismo; enunciação; semiótica.

INTRODUÇÃO

A revista *Unesp Ciência* (UC), editada desde 2009 pela Universidade Estadual Paulista, tem como objetivo divulgar a ciência produzida na e pela universidade, isto é, abordar tanto as pesquisas desenvolvidas quanto os agentes nela envolvidos. Essa proposta implicou a adoção de estratégias específicas que não se limitassem ao relato factual, mas que incorporassem elementos com a finalidade de envolver o leitor por meio de uma narrativa diferenciada, em que enunciador (revista) busca envolver o enunciatário (leitor) e o levar para um ambiente que não trata a ciência como simplesmente um fato, mas como uma experiência a ser conhecida e vivida. Essas características são importantes para que UC engendre um estilo discursivo próprio, um modo particular de se dirigir ao leitor, de abordar a ciência produzida na e pela Unesp e de proporcionar com isso uma experiência única de consumo de informação.

Este trabalho visa a analisar a estrutura geral da significação da capa e da reportagem principal da edição nº 20 de UC, publicada em junho de 2011 e cujo tema é

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação e Saúde, do PENSACOM BRASIL 2016.

² Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (Unesp/Araraquara) e Assistente de Suporte Acadêmico do Departamento de Psicologia da Unesp/Bauru, email: bgarrido@fc.unesp.br.

o combate à malária. Do mesmo modo, pretende-se investigar a maneira como o enunciador presente no discurso da revista constrói o simulacro de si mesma e de seus leitores, com vistas à produção de um estilo discursivo próprio. A reportagem analisada, em particular, discorre sobre as iniciativas de pesquisadores vinculados à Unesp e a outras instituições de ensino voltadas ao controle da malária, doença tropical ainda bastante comum na Amazônia.

O referencial teórico-metodológico adotado neste trabalho ancora-se, principalmente, na semiótica discursiva proposta por Algirdas Julien Greimas e por seus colaboradores, em especial a abordagem *standard* (GREIMAS; COURTÉS, 2008; BERTRAND, 2003), a semiótica plástica de Floch (1985; 1995; 2000) e os estudos semióticos da enunciação (FIORIN, 2005; 2008) e do estilo (DISCINI, 2003). Serão estudadas as categorias de expressão e de conteúdo do texto a partir da definição das categorias semânticas que o constituem e dos mecanismos articulatórios que organizam a sintaxe e a semântica narrativas para, em seguida, serem investidos os percursos temáticos e figurativos que darão concretude ao discurso, assim como a projeção das categorias de pessoa, de espaço e de tempo pertinentes à enunciação. Mais adiante, o foco se aterá aos textos verbais, com o objetivo de verificar as operações enunciativas necessárias para a construção das imagens do enunciador e do enunciatário, assim como para se definir o estilo do discurso empregado na reportagem.

FUNDAMENTOS DE SEMIÓTICA DISCURSIVA

A semiótica discursiva tem por objetivo descrever as relações de sentido que constituem qualquer tipo de texto, independentemente de sua natureza. Ela considera todas as linguagens como sistemas que se articulam um *plano de expressão* (matéria sensível) e um *plano de conteúdo* (matéria inteligível) para, assim, poderem produzir sentido. A semiótica desenvolveu um modelo analítico que visava descrever, basicamente, como os significados se articulam por meio de operações sintáticas e semânticas que recobrem desde os elementos mais simples e abstratos até os mais complexos e concretos. Consolidou-se, assim, o *percurso gerativo de sentido* como o principal instrumento da análise semiótica, e o qual se estrutura em três níveis, a saber:

O nível fundamental corresponde à camada mais profunda da organização do texto, na qual subjazem os elementos mínimos que regulam a sintaxe e a semântica textuais. Nesse segmento da análise, o objetivo é descrever as relações lógicas fundamentais que regem o sentido global do texto, e complexificadas nos níveis narrativo e discursivo. Essas relações mais profundas baseiam-se em elementos semânticos mínimos que se contrapõem, formando oposições fundamentais.

O nível narrativo ocupa-se dos *programas narrativos* – estruturas sintáticas que indicam as transformações pelas quais são submetidos os sujeitos de fazer e de estado – os quais protagonizam, respectivamente, os enunciados de fazer e os enunciados de estado. A dinâmica se dá pela ação dos *actantes*, forças transformadoras ou sujeitas à transformação, e as relações de convergência e de confronto entre actantes definem o *percurso narrativo*. Este nível analisa também o investimento de valores ao longo das operações articuladas pela sintaxe narrativa, assim como dos *predicados modais*, responsáveis por modificar os enunciados do fazer e de estado, investindo-lhes valores específicos (GREIMAS; COURTÉS, 2008; BERTRAND, 2003).

Já o nível discursivo é considerado como a etapa mais superficial da estrutura de um texto, em que se articulam as relações lógicas dos níveis anteriores para se transformarem em *discurso*, isto é, a materialização dessas relações. Nesse nível se manifestam as marcas da enunciação (pessoa, espaço e tempo), os temas e as figuras, que revestem os elementos fundamentais e narrativos e complexificam a unidade textual (BERTRAND, 2003). A *enunciação*, em semiótica, é concebida como um procedimento que mobiliza as possibilidades estruturais e semânticas de uma língua, até então subjacentes, e as converte em elementos concretos – a partir de dados abstratos, com finalidade explicativa (*temas*), ou dados concretos que atuam como simulacros do mundo natural, com finalidade representativa (*figuras*). A enunciação não é apenas uma apropriação individual da língua pelo indivíduo, mas instaura no discurso das categorias de pessoa, espaço e tempo – que irá regulá-lo. Assim, a enunciação estabelece as categorias referenciais do nível discursivo, a ser manifesto pela articulação de temas e figuras e pelo estabelecimento dos responsáveis pelo ato de dizer (*eu*) e para o qual ele é destinado (*tu*). É a instauração, portanto, das relações de *identidade* e *alteridade* no discurso, isto é, do *sujeito da enunciação* (FIORIN 2005; 2008).

É a partir dessa abordagem semiótica da enunciação que trazemos o conceito de estilo. Discini (2003) diz que a construção de um estilo depende da interação entre um enunciador e um enunciatário. Nela, o enunciador lança mão de um modo particularizado de se usar a linguagem para, assim, individualizar o seu dizer, levando-se em conta a imagem do enunciatário que visa a atingir. Esse enunciatário, por sua vez, mobiliza seu repertório linguístico, cognitivo e sociocultural para depreender os enunciados construídos e, a partir daí, participa desse processo de construção, a qual pode resultar em aceitação ou em rejeição. A regularidade e a recorrência dos traços característicos da interação entre enunciador e enunciatário, a partir dos usos individualizados da linguagem, ajudam na constituição do estilo, assim como da própria identidade dos sujeitos envolvidos.

Logo, o estilo seria um efeito de sentido produzido por uma *totalidade* sustentada por um corpo e depreensível a partir da recorrência de modos próprios de se enunciar. Essa corporeidade discursiva se constitui a partir de uma totalidade de discursos, mas cujos mecanismos linguísticos e enunciativos de algum modo se repetem, criando-se assim um efeito de *individuação* discursiva. Feito isso, essa totalidade discursiva, assumida por um corpo que lhe garante uma *individualidade*, manifesta-se nos modos de dizer dessa unidade e, desse modo, ajudam a construir também modos próprios de ser, de agir e de compreender o mundo. Ao enunciatário caberia efetuar as operações de depreensão e de identificação das marcas deixadas no enunciado, verificar as regularidades existentes e, a partir daí, reconstruir as relações de sentido. A depreensão do estilo, portanto, decorre das *interações* entre enunciador e enunciatário na busca de sentidos construídos em comum (DISCINI, 2003).

Para a análise de textos visuais, é preciso articular os planos constituintes das linguagens a partir da relação entre categorias da expressão e do conteúdo, ou melhor, de relações *semissimbólicas* – conceito desenvolvido por Floch (1985; 1995; 2000) para a sua metodologia de análise de textos sincréticos, ou seja, textos em que duas ou mais linguagens têm suas peculiaridades suspensas ou mesmo anuladas em prol de uma totalidade de sentido (FIORIN, 2009). Segundo Floch (1985), há uma relação de consonância entre as categorias de expressão e as de conteúdo em uma determinada linguagem que torna possível analisá-los de maneira integrada a partir de categorias

específicas e restritas que compõem a totalidade do objeto em estudo. Essas categorias, necessárias para a análise do objeto plástico, estão organizadas em três grupos principais: a) *Categorias cromáticas*: dizem respeito às cores, suas combinações possíveis e aos efeitos de luz de sombra do objeto plástico; b) *Categorias topológicas*: vinculam-se à organização espacial dos formantes plásticos, tais como a posição, orientação e efeitos de movimento; c) *Categorias eidéticas*: estão ligadas às formas constituintes do objeto plástico, das combinações de linhas, de curvas e de volumes.

SINCRETISMO, IDENTIDADE E ESTILO EM UNESP CIÊNCIA

Faremos aqui a análise geral dos elementos constituintes do objeto em questão, a começar pelas nas semissimbólicas e sincréticas de capa e reportagem principal de UC20, adotando o percurso gerativo de sentido. O tema da edição é o empreendimento de pesquisadores em buscar meios para se controlar a malária, doença que ainda aflige os habitantes da Amazônia. Na capa, primeiramente, vê-se um exemplar do mosquito na malária (do gênero *Anopheles*, também conhecido como mosquito-prego) sobre uma superfície clara e iluminada, disposta de modo centralizado. Em volta desse espaço há apenas um fundo preto, vazio, que forma um contraste com a cor e a vivacidade dos demais elementos (o mosquito e a superfície onde está assentado). A partir dessa composição, vemos dois seres vivos (a superfície alaranjada, cuja cor e textura e, principalmente, os pelos nos fazem remeter, metonimicamente, à pele de uma pessoa) em evidência a partir de duas categorias topológicas (*intercalante X intercalado; centralidade X lateralidade*) e outra, cromática (*claro X escuro*).

A oposição fundamental *natureza X cultura* que estrutura o plano de conteúdo coloca, de um lado, um ser da natureza que age como vetor para a transmissão da doença; de outro, temos o grupo de cientistas com a missão de compreender a propagação da malária com fins de se combatê-la e preveni-la. Para reforçar essa dualidade, recorre-se principalmente às categorias já mencionadas (*claro X escuro e centralidade X lateralidade*) que homologam (corroboram) a categoria do conteúdo já citada, assim como homologa a categoria *vida X morte*.

As homologações acontecem, em primeiro lugar, para se frisar elementos específicos do texto e, com isso, impregná-los de valores diversos que irão fundamentar

as relações significantes posteriores. Os elementos da capa figurativizam o processo de transmissão da malária e colocam o mosquito em caráter disfórico (depreciativo) quando este entra em conjunção com a *vida*, já que ao mesmo tempo o inseto faz a vítima entrar em conjunção com a *morte*. O objetivo, nesse caso, é inverter essa lógica, mediante o controle a população de mosquitos e entender seus mecanismos de transmissão da doença. É, portanto, tornar o mosquito um alvo a ser atingido, colocá-lo sob “cerco” e, enfim, fazê-lo entrar em conjunção com a morte, a fim de que os habitantes amazonenses entrem em conjunção com a vida. O recurso ao jogo contrastivo elaborado pelas categorias topológicas e cromáticas utilizadas (*claro X escuro* e *centralidade X lateralidade*) evidenciam essas relações figurativas.

Nas primeiras páginas da reportagem, o jogo contrastivo se mantém. As duas primeiras páginas são totalmente preenchidas por uma superfície alaranjada, análoga à vista na capa. Sobre ela, outro exemplar do mosquito *Anopheles* sobre ele, em posição quase centralizada. Destaca-se também o título da matéria, escrito de modo sugestivo (“Decifra-me ou te devoro”, em alusão ao enigma da Esfinge de Tebas). Esses dois elementos visuais estabelecem entre si um contraste topológico (*totalidade/grande X parcialidade/pequeno*; *centralidade X lateralidade*) e cromático (*claro X escuro*). Essa relação contrastiva também se revela, de algum modo, antitética. A totalidade da superfície alaranjada, que nada mais é do que uma metonímia do ser humano, apesar de ocupar integralmente a página, está em uma situação de inferioridade nesse conjunto, ou seja, de submissão ao mosquito pousado sobre ele. O inseto, dessa forma, é valorizado euforicamente (positivamente) nessa composição, ainda que ocupe uma porção menor da página, enquanto a superfície (o homem), mesmo sendo ampla, é disforizada.

Quadro 1 – Relações semissimbólicas da reportagem principal de UC20

Plano de Conteúdo (PC)	Vida X Morte Natureza X Cultura
Plano de Expressão (PE)	Claro X Escuro (C) Centralidade X Lateralidade (T) Totalidade/Grande X Parcialidade/Pequeno (T)

Fonte: Elaborado pelo autor.

A centralidade e a cor escura do mosquito reiteram as categorias semânticas do conteúdo presentes na capa. O inseto é alvo de um cerco, por parte dos pesquisadores, para se descobrir os mecanismos de transmissão da malária. A finalidade da investigação é decifrar o “enigma de Tebas” aqui posto, para assim se chegar à cura da doença. Ou, pelo contrário, milhares de pessoas continuarão a ser “devoradas” pelo mosquito, nos sentidos literal e metafórico do termo. Em outras palavras, o objetivo dessas iniciativas é atender a uma suposta provocação do mosquito feita ao enunciador (“Decifra-me ou te devoro”) e inverter os polos dessa categoria semântica e das configurações tímicas presentes no texto, de modo que o *Anopheles* entre em conjunção com a *morte*, e não com a *vida*.

O arranjo das imagens e as composições visuais permitiram a construção de relações significantes diversas. Com relação às categorias topológicas, por exemplo, o ângulo aproximado com que foram feitas as imagens analisadas em UC20 cria a sensação de que o enunciador está utilizando algum instrumento que amplia a visão (como câmeras fotográficas e microscópios) e convida o enunciatário a partilhar com ele essa visão privilegiada – no caso, das estratégias desenvolvidas por pesquisadores e profissionais de saúde no combate à malária na região norte brasileira. As fotos, tiradas em plano aproximado, simulam o efeito de um microscópio, destacando, a partir de uma categoria topológica da expressão (*proximidade X afastamento*), a figura de um espécime do mosquito *Anopheles*, de maneira a enfatizar a relevância de conhecê-lo e de se estudá-lo para, enfim, combatê-lo.

Após as análises das relações sincréticas, o objetivo agora é identificar os elementos presentes na enunciação responsáveis pela construção da identidade e do estilo na reportagem. Para tanto, daremos atenção aos textos verbais e as suas respectivas marcas linguísticas e enunciativas. Em UC20, constatamos uma ênfase no detalhamento metodológico e da base empírica das pesquisas desenvolvidas pelos cientistas para se chegar a alguma estratégia eficaz de combate à malária. Seguem abaixo alguns fragmentos da reportagem correspondente:

(...) As estimativas são de que até 2/3 dos infectados se encaixem nesse quadro. “A hipótese é que exista um grande reservatório de infecção”, explica Marcelo Ferreira, parasitologista da USP e um dos

líderes da nova pesquisa no país.

(...) Essa é uma das muitas questões a que o projeto pretende responder. Tratando essas pessoas, qual impacto pode haver nos índices de transmissão da malária? Há também que se investigar por que alguns indivíduos simplesmente não se infectam. E por que nem todos apresentam as formas sexuadas do plasmódio, os gametócitos, que são as que infectam o mosquito (UC20, p. 20).

(..) A metodologia de captura dá um certo arrepio à primeira vista: assim que sentem que o mosquito pousou, ou começou a picá-los, eles sugam o bicho com uma mangueira adaptada com uma redinha dentro, para impedir que ele vá parar goela abaixo, e o colocam num pote de plástico.

(...) Tivemos um vislumbre do projeto em abril, quando acompanhamos os trabalhos de alguns dos participantes por uma semana na região. O Remansinho é parte do município de Lábrea (AM), o centro urbano dista cerca de 400 km do assentamento, mas não há um caminho direto por terra entre eles.

(...) Apesar das mais de sete horas de viagem de São Paulo até lá, assim que chegamos já saímos para a primeira noite junto aos mosquitos. O plano era fazer coleta das 18 h às 21h. Para compreender melhor as condições de transmissão da malária no Remansinho, os pesquisadores decidiram compará-las com a situação de outro assentamento, no chamado ramal do Granada, que também foi palco de anos de estudos de saúde por parte de Ferreira e colaboradores. Ele foi aberto no início dos anos 1980 e já tem uma paisagem bem mais alterada. Lá, por exemplo, há luz elétrica, na localidade amazonense, não (UC20, p. 21).

(...) O trabalho anterior de Soneca já havia trazido uma indicação nesse sentido. Ele observou que a abundância de mosquitos varia ao longo dos meses e que, quando ela é muito alta, os insetos picam as pessoas a noite toda, enquanto nos meses de menor densidade, a atividade fica mais restrita ao intervalo das 18 h às 21h. Ele também notou que os mosquitos coletados no período de seca são geneticamente diferentes dos de época de chuva. “Isso significa que cada vez mais teremos de pensar em mecanismos de controle diferenciados. Mas precisamos antes entender a biologia dos mosquitos num dado local, em diferentes épocas, para propor isso”, afirma Ribolla.

(...) Nesse sentido, será feita também uma investigação genética dos insetos coletados. Além de servir para mostrar se eles estão ou não infectados com o plasmódio, o uso de marcadores genéticos vai permitir descobrir se a estrutura das populações muda durante o ano. Também serão analisados genes relacionados com resistência a inseticidas. “Como a principal ferramenta que existe hoje para combatê-los é o uso de inseticida químico, temos que analisar se são ou não resistentes, tanto por ensaio biológico quanto geneticamente”, diz (UC20, p. 22).

Com a investigação de longo prazo, vai ser possível conhecer melhor esse movimento e saber quais são os horários em que as pessoas estão mais vulneráveis. Para isso, o trabalho de captura é feito dentro e fora

da casa e contabilizado por hora. Antes do trabalho, a equipe já empilha 24 potinhos, onde os mosquitos serão acondicionados, devidamente etiquetados (I1, P1; I2, P2, etc., sendo I para interdomiciliar e P, peridomiciliar).

(...) os cientistas examinaram quase 200 pessoas e quatro tiveram lâmina positiva para malária (*P. vivax* em todos os casos). Eles ainda fariam o diagnóstico molecular (para checar se passou algum parasita não visto na microscopia). “Para comparar, em nosso primeiro inquérito, há um ano, 10% das lâminas foram positivas”, diz Ferreira. “Também há um ano fizemos hemograma de todos e vimos que a prevalência de anemia era alta. Agora temos raros casos. É um sinal de que o pessoal está tendo menos malária, porque o plasmódio destrói as hemácias e causa anemia.”

(...) Os dados parasitológicos e entomológicos podem juntos ajudar a entender melhor como se dá o desenvolvimento e a evolução da doença na população. Os pesquisadores da área de saúde suspeitam, por exemplo, que a imunidade pode estar relacionada com algumas cepas específicas do plasmódio.

(...) Se comprovarmos, talvez a gente consiga usar o inseto como um indicador de qual cepa do parasita está circulando”, afirma Ribolla.

(...) Em volta de cada ponto, vai traçar um raio de mais ou menos 1 km e analisar todos os criadouros nesses pontos, para depois tentar correlacionar isso com a abundância de mosquitos e a diversidade de espécies, para saber como está a estrutura populacional desses mosquitos. (UC20, p. 26-27).

Os exemplos acima descrevem todo um percurso de pesquisa, a se iniciar por uma problemática e uma hipótese, sendo sucedidas por procedimentos metodológicos, alguns resultados e expectativas de conclusão. Contudo, as etapas fundamentais de qualquer projeto de pesquisa encontram-se aí delineadas, de modo claro e em linguagem relativamente acessível – a despeito da falta de esclarecimentos sobre algumas terminologias típicas da epidemiologia e da parasitologia (*vetor e cepa*). Além disso, detalhes sobre a metodologia, como a *correlação de variáveis* (feita por meio de análise estatística) são mais facilmente perceptíveis àqueles já iniciados na pesquisa acadêmica, enquanto o público leigo poderá ter dúvidas a respeito desses procedimentos.

Aqui, o enunciador-UC invoca um enunciatário que detém um repertório mínimo para compreender a reportagem. Porém, essa exigência é mais rigorosa por envolver também conhecimentos sobre técnicas de pesquisa, sem os quais fica difícil para um leigo compreender tanto o significado de uma *correlação entre variáveis* quanto sua importância e seu impacto no trabalho final. São conhecimentos comuns a

graduados e a indivíduos familiarizados com o cotidiano de pesquisa (como, por exemplo, auxiliares e técnicos de laboratório), que detêm o *saber-fazer* e o *poder-fazer* próprios de quem trabalha na área. Assim, o perfil de enunciatário para o qual o enunciador de UC se dirige ganha feições mais restritas.

No caso em tela, vemos um indício de sincretismo entre o discurso jornalístico e o científico, culminando em um texto que agrega os elementos fundamentais de ambos – com predominância do discurso jornalístico. Isso ocorre pelo fato de os elementos referenciais ligados à pesquisa entremear-se a uma construção narrativa que contextualiza e amplia o cenário retratado, colocando em cena um número maior de agentes e de elementos espaço-temporais. Logo, a narrativa e as informações de pesquisa compõem uma totalidade própria, em que tais elementos não podem ser entendidos de maneira dissociada e formam a base do estilo construído para a revista.

Nos trechos destacados, percebemos o envolvimento do repórter com a narrativa construída no enunciado. As impressões pessoais registradas pelo narrador/interlocutor-repórter são dados importantes na construção do ritmo do texto, impingindo na narrativa certas cargas passionais. São nítidas as demonstrações de *fadiga* e de *enfado* no repórter em sua missão na Amazônia, já que além da longa viagem empreendida para se chegar ao local, foi preciso acompanhar os pesquisadores em missões desgastantes e arriscadas (o risco de ser picado por um mosquito *Anopheles* e de contrair malária era alto). O *dever-fazer* (concluir a reportagem) e o *dever-ser* (resistência e perseverança por parte dos jornalistas) que regeram esse percurso narrativo entraram em conflito constante com predicados modais negativos, como o *não-saber-ser* (desconhecimento do ambiente), o *não-poder-ser* (hesitação e fraqueza frente aos desafios) e o *querer não-fazer* (resistência frente a situações desconhecidas ou desconfortáveis), que podem gerar estados de irritação, de cansaço, de fadiga e de tensão.

Os atores do enunciado (inclui-se o narrador-repórter) são colocados em um mesmo nível já que o próprio narrador também toma parte dos acontecimentos relatados nessa reportagem e faz parte da narrativa construída. O uso da primeira pessoa e do discurso direto cria a simulação de um diálogo entre os interlocutores e reforçam o envolvimento do repórter na integridade desse cenário, em que ele é parte do acontecimento – em vez de ser um observador distante. Os tópicos conversados entre os

jornalistas de UC e os pesquisadores ganham mais intensidade no enunciado. Por isso, além de um nítido efeito de proximidade e de familiaridade, podemos detectar aqui também uma sensação de imersão, em que o enunciador “chama” o enunciatário para o interior daquele cenário e o faz estar presente ali, como se todos ocupassem o mesmo espaço (o do enunciado), embora esse seja um efeito construído na enunciação.

Os efeitos de presentificação se dão pela ênfase da linguagem descritiva sobre o contexto do enunciado e sobre as impressões demonstradas pelos sujeitos envolvidos. Eles servem como apelo ao sentir do enunciatário e revelam uma estratégia do enunciador em fazê-lo sentir as mesmas sensações que aqueles que participaram do acontecimento em tela. O destaque tanto a informações do ambiente quanto à percepção sensorial ou afetiva dos interlocutores (“Apesar das mais de sete horas de viagem de São Paulo até lá, assim que chegamos já saímos para a primeira noite junto aos mosquitos”) é uma maneira de tornar esse cenário vivo, presente e intenso, de modo que o enunciatário-leitor possa acessá-lo ao folhear as páginas do periódico.

Ademais, o uso do pronome “nós” (na maior parte das vezes, ele está oculto e é identificado pelas desinências verbais) gera outros efeitos. O emprego da primeira pessoa do plural implica duas posturas do enunciador em sua relação com o enunciado. Se compreendermos a aplicação do pronome como um “nós exclusivo” (FIORIN, 2005) ele englobará o enunciador e/ou o narrador, mas não o enunciatário e/ou o narratário. Com isso, ficam demarcadas as posições de uma e de outra instância da enunciação, sem misturá-las. Nos exemplos citados, o narrador-repórter faz menção a experiências e sensações que somente ele e a equipe de reportagem (“nós” = “eu” narrador + “eles” interlocutores) vivenciaram, algo que o enunciatário pode somente acompanhar mediante a leitura das páginas de UC (“Tivemos um vislumbre do projeto em abril...”).

Por outro lado, o emprego do pronome “nós” pode assumir uma faceta inclusiva (FIORIN, 2005) de dois modos: a primeira, no nível dos enunciadores, abarca não apenas os sujeitos diretamente envolvidos na narrativa, mas a totalidade do enunciador. A instituição, inclusa nesse todo enunciativo, assumiria algum envolvimento nos acontecimentos registrados, na ciência retratada em UC e, da mesma forma, nas grandezas passionais e sensíveis contidas nos enunciados sob sua responsabilidade. Em outro emprego, o “nós” também incluiria o enunciatário em sua referência com o

objetivo de se criar um ambiente de presentificação e de imersão, em que se procura trazer o acontecimento para as páginas de UC e fazer com que o leitor tome parte desse cenário. O “nós” inclusivo tem por meta mobilizar não somente as grandezas cognitivas dos enunciatários, mas também as sensíveis, por meio de um fazer-estar presente e de um fazer-sentir, em que as instâncias do sujeito da enunciação compartilham um mesmo ambiente e, do mesmo modo, as mesmas impressões, sensações e experiências – como as picadas causadas pelo *Anopheles*.

Com base nessas considerações, podemos definir as características de seu estilo conforme os preceitos de Discini (2003). Durante as análises, constatamos que a principal finalidade das relações sincréticas é de *redimensionar* os sentidos engendrados por essas linguagens, movimentando-se ora para a complementação informativa, ora para a simplificação dos acontecimentos retratados, com vistas a uma facilitação da compreensão pelo enunciatário. Assim, a revista da Unesp recorre ao visual tanto para expandir os significados construídos quanto para restringi-los.

A característica mais relevante nessa direção envolve os efeitos de proximidade produzidos pelas linguagens sincréticas como forma de se criar os efeitos de *fazer-estar presente* e de *fazer-sentir* no enunciado. É a partir daí que a revista, em paralelo com os efeitos de sentido produzidos no enunciado verbal, firma sua particularidade ao frisar, além da narratividade, a experiência sensível. Assim, como visto na reportagem em estudo, os elementos referenciais dialogam com as grandezas sensíveis e mobilizam os repertórios cognitivo e sensorial do enunciatário, de modo a propiciar uma vivência a mais completa possível daquele acontecimento.

Contudo, vemos na reportagem estudada uma mescla entre elementos da comunicação científica (problematização, objetivos e justificativas, metodologia e aplicação, resultados e conclusões) e elementos próprios do texto jornalístico (narratividade, vocabulário mais simples, sincretismo, apelo ao sensível), com marcada predominância das características próprias do discurso. O empenho do enunciador em agregar tais elementos a uma nova totalidade tem o intuito de atrair um perfil de enunciatário mais abrangente, que leve em consideração as características próprias da comunicação científica e, igualmente, aquelas típicas de gêneros jornalísticos. Logo, do periódico deve assumir uma identidade mais *maleável* e um estilo discursivo *flexível*,

que busque o “caminho do meio” entre a especialização do discurso da comunicação científica e a generalidade do discurso jornalístico.

O papel das linguagens visuais no enunciado de UC assume características peculiares. Se na comunicação científica as imagens se prestam a um papel essencialmente parafrástico, elas, na reportagem analisada, estendem as possibilidades de sentido construídas e afetam a sensibilidade dos leitores. A ciência em UC, dessa forma, não está lá somente para ser lida e entendida, mas também ser *percebida*, *sentida* e *vivida*, já que a finalidade do enunciador é aproximar o enunciatário daquela totalidade construída e provocar-lhes reações. A exploração da sensibilidade na enunciação de UC rompe a perspectiva puramente observadora e contemplativa do discurso científico convencional e propõe uma espécie de *convite*, em que o enunciatário é chamado a “participar” da ciência mostrada nas páginas da revista – a partir de jogos imagéticos (como o *zoom* ampliado) manifestos nas linguagens sincréticas, criando-se assim uma relação mais *intimista* com a ciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise das linguagens sincréticas e das marcas enunciativas que caracterizam a identidade do sujeito da enunciação, verificamos que as narrativas visuais e a configuração da identidade do enunciador em UC são decisivas para criar um estilo que valoriza a empatia com o enunciatário e a experiência sensível com o enunciado, criando-se efeitos de presentificação e de imersão – em que é possível, inclusive, notar certos estados de alma dos personagens da narrativa. A enunciação de UC deveria se configurar como uma experiência sensível do fazer científico, em que aqueles contextos construídos no discurso avançam os próprios limites e se atualizam perante o enunciatário, tornando presentes, intensos e vivos esses mesmos contextos. As marcas presentes na enunciação de UC buscam reforçar esse traço convidativo do estilo da revista e, especialmente, cativar o leitor para aderir ao discurso engendrado.

Neste caso em particular, a ênfase na terminologia especializada, na base empírica da pesquisa e nos procedimentos teórico-metodológicos adotados invocam um enunciatário com o mínimo de conhecimentos sobre ciências biológicas e sobre metodologia científica para que a reportagem seja compreendida. Tal característica é

resultado da conjugação de elementos da comunicação científica e do discurso jornalístico, em que se busca contemplar um mínimo de rigor com uma linguagem mais acessível e orientada para o fato. É uma demonstração do caráter flexível do estilo discursivo adotado em *Unesp Ciência*.

REFERÊNCIAS

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Trad. Ignácio Assis Silva et al. Bauru: Edusc, 2003.

DISCINI, N. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura*. São Paulo: Contexto, 2003.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Para uma definição das linguagens sincréticas. In: OLIVEIRA, A. C.; TEIXEIRA, L. (Orgs.). *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 15-40.

FLOCH, J. M. *Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique*. Paris: Hades; Amsterdam: Benjamins, 1985.

_____. *Sémiotique, marketing et communication: sous les signes, les stratégies*. 2. ed. Paris: PUF, 1995.

_____. *Visual identities*. London: Continuum, 2000.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.

UNESP Ciência, n. 20, p. 18-27, jun. 2011.

Figura 1 – Capa e imagens de UC20



Fonte: UC20, 2011, p. 18-19.